

Fabiana Nunes da Silva Guimarães

Rogério Mendes de Lima

**IDENTIDADES
ANTIRRACISTAS:**

**Uma proposta em
construção**

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2020

A watercolor illustration of a landscape. In the foreground, there are several trees with thick, brown trunks and sparse, dark brown foliage. The background is a light, pale blue sky. In the upper right corner, there is a large, stylized sun with a spiral pattern in shades of brown and orange. The overall style is soft and artistic, using watercolor techniques.

IDENTIDADES ANTIRRACISTAS

Uma proposta em construção

Fabiana Nunes da Silva Guimarães

Rogério Mendes de Lima

**IDENTIDADES
ANTIRRACISTAS**

Uma proposta em construção

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2020

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E
CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

G963 Guimaraes, Fabiana Nunes da Silva

Identities antirracistas: uma proposta em construção /
Fabiana Nunes da Silva Guimaraes, Rogério Mendes de
Lima. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2020.

34 p.

Bibliografia: p. 31-34.

ISBN: 978-65-5930-073-0

1. Currículos - Planejamento. 2. Antirracismo - Brasil.
3. Decolonização. 4. Educação básica. I. Lima, Rogério
Mendes de. II. Título.

CDD 375.001

Ficha catalográfica a ser elaborada pela Bibliotecária Simone Alves- CRB7-5692.

SOU NEGRO

Solano Trindade

Sou Negro

Meus avós foram queimados

Pelo sol da África

Minh'alma recebeu o batismo dos
tambores

Atabaques, gonguês e agogôs

Contaram me que meus avós

Vieram de Loanda

Como mercadoria de baixo preço

Plantaram cana pro senhor do engenho
novo

E fundaram o primeiro Maracatu

Depois meu avô brigou

Como um danado nas terras de Zumbi

Era valente como quê

Na capoeira ou na faca

Escreveu não leu

O pau comeu

Não foi um pai João

Humilde e manso

Mesmo vovó

Não foi de brincadeira

Na guerra dos Malês

Ela se destacou

Na minh'alma ficou

O samba

O batuque

O bamboleio

E o desejo de libertação

(O poeta do Povo, p. 48)

Dedico este trabalho aos meus companheiros
professores e aos meus eternos alunos.

RESUMO

O presente produto educacional integra a dissertação *Decolonialidade, antirracismo e currículos: uma experiência de uma escola da periferia*. É um estudo qualitativo, que procurou analisar o processo de reconstrução curricular em uma escola da periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com vistas a encontrar caminhos e estratégias para superar as situações de racismo que ocorrem no espaço escolar. O problema de pesquisa que orientou a realização do estudo foi verificar de que maneira a construção coletiva de um currículo pode ser um instrumento na luta antirracista dentro da escola. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa discute e apresenta as visões de um grupo de docentes com foco no processo de discussão e construção da nova grade curricular, tendo como referencial teórico a perspectiva decolonial e como proposta a pesquisa-ação-participante. Para responder à problemática da pesquisa, o produto educacional busca orientar com guia de atividades, que tem como objetivo uma maior consciência crítica de mundo e um maior entendimento sobre o racismo, suas consequências nos dias atuais. Busca também mostrar a luta de resistência do povo negro desde a escravidão até os dias atuais. E vislumbra, a partir desse trabalho, a construção de identidades empoderadas. Os resultados da pesquisa, ainda que preliminares, apontam para a importância da discussão coletiva e da adoção de novas perspectivas pedagógicas e curriculares – em especial, a decolonial, como estratégia antirracista na escola básica. O produto educacional associado à pesquisa é um guia de atividades voltadas para o debate sobre o racismo nos anos iniciais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Escola básica; Antirracismo; Currículos; Decolonialidade.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	9
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS PARA O DEBATE DA QUESTÃO RACIAL NA ESCOLA.....	11
MODULO I - RACISMO EM DEBATE.....	31
MODULO II - HISTÓRIA E IDENTIDADES DO POVO NEGRO.....	35
MODULO III - IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO.....	44
MODULO IV - LITERATURA ANTIRRACISTA.....	47
NOTAS FINAIS.....	48
REFERENCIAL	50

APRESENTAÇÃO

Este produto foi desenvolvido com o intuito de ser aplicável aos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

As propostas aqui apresentadas objetivam que os estudantes façam uma reflexão sobre os conflitos e embates cotidianos dentro e fora da escola; que eles identifiquem as consequências do RACISMO presente em nossas vidas; que conheçam a história do povo negro, que não está presente na maioria dos livros didáticos; que se fortaleçam a partir do conhecimento da história positiva do povo negro, povo que lutou contra a escravidão e contra a negação de sua cultura e identidade.

Como continuidade, almeja-se que as alunas e os alunos, negras e negros, se empoderem, acreditem na sua potencialidade de realização e possam construir suas histórias, acreditando em sua capacidade e em seu potencial; que vejam que podem romper barreiras sociais e o estigma de “povo negro e afrodescendente fracassado”.

Desejo que todos façam uma reflexão sobre o quanto de racismo existe em cada um de nós. Muitas vezes, reproduzimos essas coisas sem percebermos. É necessário que possamos estar mais atentos e que busquemos romper com práticas e atitudes que fazem sofrer toda uma população, que desde o século XVI é colocada à margem da sociedade.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo orientar estudantes e professores a uma reflexão mais crítica sobre o RACISMO, muitas vezes não debatido dentro da escola, em busca de romper com conflitos sociais presentes nas salas de aula.

Mostrar que a história deles e de cada um de nós pode ser de luta sim, mas que todos nós temos o potencial de vida para conquistarmos os nossos sonhos; que juntos temos condições de trabalhar para a construção de uma sociedade em que todos, independentemente de etnia, podemos.

Na abertura de *Pedagogia da Esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992), Paulo Freire afirma que a esperança é um elemento fundamental de todas as lutas que têm como objetivo transformar a realidade dos oprimidos. Alerta, ainda, que a esperança sozinha não transforma o mundo, mas que esse não mudará sem ela.

Esta é uma pesquisa movida pela esperança. Que entende também que a educação que liberta não é um privilégio individual, mas uma construção coletiva de muitas e muitas pessoas. Por isto, as questões abordadas ao longo deste estudo surgem de preocupações coletivas, e seu enfrentamento e superação também exigem ações coletivas.

Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), alerta para o modo como as trajetórias individuais afetam a construção de nossas visões de mundo. O autor destaca que o modo como o negro é visto pela sociedade e suas experiências com as diversas formas de racismo interferem no modo como ele se posiciona no mundo. Isto é importante porque as escolhas desta pesquisa têm relação direta com minha trajetória pessoal, e minha escuta sensível aos conflitos escolares.

Quando iniciei no magistério, lembro-me que, logo de início, muitos professores me aconselhavam, dizendo que eu teria que ser “durona” e mostrar autoridade.

A turma era muito agitada, apresentava questões de *bullying* e também de racismo, que eu tinha que tentar resolver em sala de aula. A maioria dos alunos já tinha idade para estar nos anos finais do Ensino Fundamental. Foi naquela turma que, como professora, me deparei com as primeiras questões de *bullying*, racismo e até de homofobia. Os meninos, na maioria das vezes, começavam a brincadeira chamando um ao outro de “macaco” e, logo a seguir, já estavam brigando.

Lembro que desenvolvi um projeto sobre *bullying*, com debates, e a turma foi indicada pela diretora para participar de um projeto desenvolvido pela Polícia Militar, que dava

aula de cidadania e valores, uma vez na semana. Ao término do curso, as crianças recebiam um certificado de participação naquela formação.

Depois dessa turma de 5º ano, trabalhei também com a Educação Infantil, além de com o primeiro, segundo, terceiro e quarto anos do Ensino Fundamental. Em todas as turmas, encontrei esses conflitos em sala.

No início de 2010, fui convocada para trabalhar em Nova Iguaçu (RJ), mas não consegui conciliar os trabalhos por causa da distância. Pedi exoneração e fiquei só em Duque de Caxias (RJ), até que o município do Rio de Janeiro (RJ) me convocou como professora PII para dar aula em uma Casa de Alfabetização, a Escola Municipal Dois de Julho, em Benfica. Ali também encontrei essas questões, mas em menor proporção, entre os pequenos. Algum tempo depois, fui convidada para ser Coordenadora Pedagógica na Escola Municipal Gonçalves Dias, com os jovens dos anos finais do Ensino Fundamental. Foi ali que percebi que era preciso fazer um trabalho de formação de identidades, pois mesmo com uma direção muito rígida, os jovens entravam em atritos sérios, com as mesmas temáticas de racismo e *bullying*. Ali, identifiquei que a questão maior estava na formação das identidades dos jovens.

Foi a partir de 2016 que me dei conta de que precisava voltar a estudar. Primeiro, porque estava me sentindo alienada no meu fazer pedagógico e, segundo, porque quanto mais estudamos, mais temos a dimensão de que pouco sabemos. Foi assim que desengavetei o meu sonho de fazer o mestrado. Foi uma vivência muito importante, aprendi muito com os professores. Fizemos muitas aulas-passeio, conhecendo a história do bairro. Percebi o quanto de suporte o professor precisa para fazer bem o seu trabalho, bem como a importância de trabalhar com projetos interdisciplinares, que dão mais significados e sentidos à aprendizagem para os jovens estudantes e também para os professores.

Percebo que estudar é vida, faz parte do meu fazer pedagógico, me sinto viva. Assim, a escola tem um papel fundamental em minha vida. Se hoje sou quem sou, foi porque a escola pública me formou e, hoje, também faço parte dessa instituição como professora. É deste ponto de partida que resolvo investigar como a cultura e a história da população negra são abordadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS PARA O DEBATE DA QUESTÃO RACIAL NA ESCOLA

Colonialidade do poder: um conceito central para compreender as relações raciais no mundo e no Brasil

A partir da segunda metade da década de 1990, constituiu-se progressivamente um grupo de intelectuais latino-americanos que formou posteriormente o grupo nacionalidades e áreas do conhecimento partem de alguns pressupostos, um deles o de que “a colonialidade é constitutiva da modernidade e não derivada” (MIGNOLO, 2005, p. 75).

Isso significa um rompimento com a ideia de que a explicação para o surgimento da modernidade capitalista contemporânea esteja nos movimentos europeus dos séculos XVII e XVIII. Nesta perspectiva, a constituição da modernidade deve ser localizada temporalmente nos séculos XV e XVI, com a conquista do Atlântico pelos europeus. Assim, o padrão de dominação que resulta na sociedade capitalista dos nossos dias tem sua origem nas relações coloniais estabelecidas a partir daquele momento. A crítica ao mito de fundação da modernidade é essencial para a compreensão das relações entre os diferentes povos neste processo.

QUIJANO (2005) afirma que a ideia de raça é um elemento central para pensarmos as relações sociais existentes na sociedade moderna, na medida em que se pensa

[...] a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. (QUIJANO, 2005, p. 117)

É a partir dessa premissa que são construídas as relações entre europeus e os demais povos. Por conta disto e pela criação de um sistema mundial de uso da mão de obra e reprodução do capital, se justifica, para os colonizadores, a escravização das populações negras e indígenas, sendo uma forma de “outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista” (QUIJANO, 2005, p. 118). Maldonado-Torres (2018, p. 36) afirma que “a ‘descoberta’ do novo mundo e as formas de escravidão que imediatamente resultaram daquele acontecimento são alguns dos ‘eventos-chave’ que servem de fundação da sociedade contemporânea”.

Por conta disso, o fim da colonização não significou o fim dessas relações de dominação. Estas foram assumidas pelas elites dominantes e herdeiras do sistema colonial europeu. Salvo raras exceções, os movimentos de independência não significaram, para os povos dominados – em especial, os negros –, uma mudança de status social. Em verdade, o que se observa é a extensão dessa dominação para todas as esferas da vida social, impactando não somente as relações materiais, mas também as culturais e toda a subjetividade das populações negras.

De acordo com Quijano (2005), esse domínio se baseia no que ele denominou “colonialidade do poder”. Este conceito explica a persistência das estruturas de dominação geradas pelo colonialismo, que submetem o imaginário, a produção de conhecimento sobre si e sobre o outro, os saberes, as visões de mundo sobre os modelos desenvolvidos pelas classes dominantes, elas mesmo eurocentradas. Maldonado-Torres (2007, p. 131) analisa esse conceito e diz que ele pode ser definido como:

[...] um padrão de poder que emergiu do colonialismo moderno, porém, ao invés de estar limitado a uma relação formal de poder entre os povos ou nações, refere-se ao modo como [...] as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado capitalista e da ideia de raça.

A perspectiva multicultural (ou o multiculturalismo) pode ser um exemplo de como a colonialidade impacta as relações entre os grupos de nossa sociedade. Para esclarecer, é importante situar o multiculturalismo como uma corrente de pensamento que se desenvolveu nas últimas décadas do século XX, em resposta às diferentes lutas decorrentes dos processos políticos de independência africana e asiática, e dos movimentos antirracistas nas sociedades europeias e americanas.

Com a emergência do conflito social definido em termos étnicos nas grandes cidades europeias e americanas, o relativismo perde seu fundamento ético e epistêmico, cedendo lugar para o problema da coexistência das diferenças em um mesmo espaço político nacional, problema este que os movimentos políticos e literários alcunharam de “multiculturalismo”. (MONTERO, 2012, p. 82)

Candau (2008) afirma que as questões relacionadas ao reconhecimento das diferenças, desde que a partir de certo período, não podem ser negadas e têm sido abordadas pelo denominado multiculturalismo de duas formas, em especial, no campo da educação: assimilacionista e diferencialista.

Na proposta multicultural assimilacionista, a diferença é reconhecida, contudo, a inclusão dos grupos não hegemônicos se baseia em uma assimilação dos valores dominantes.

Uma política assimilacionista – perspectiva prescritiva – favorece que todos se integrem na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica. No entanto, não se mexe na matriz da sociedade, procura-se assimilar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica. (CANDAUI, 2008, p. 50)

Na escola, isso significa que os grupos não hegemônicos são absorvidos, mas sua inclusão depende da assimilação dos valores e práticas das classes dominantes, que estão expressos nos currículos e nas práticas pedagógicas. Desta forma:

Todos são chamados a participar do sistema escolar, mas sem que se coloque em questão o caráter monocultural presente na sua dinâmica, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aula, aos valores privilegiados etc. (CANDAUI, 2008, p. 50)

Uma segunda forma de abordagem é denominada, pela autora, multiculturalismo diferencialista. Nesta linha de ação, há uma ênfase no reconhecimento da diferença e na busca de espaços para que ela seja praticada. Entretanto, também não há um questionamento das estruturas que levam à exclusão, sendo enfatizados:

O acesso a direitos sociais e econômicos e, ao mesmo tempo, é privilegiada a formação de comunidades culturais homogêneas com suas próprias organizações – bairros, escolas, igrejas, clubes, associações etc. Na prática, em muitas sociedades atuais, terminou-se por favorecer a criação de verdadeiros apartheid socioculturais. (CANDAUI, 2008, p. 51)

Essa forma de agir embasa modelos nos quais as questões relacionadas às culturas negra e indígena são abordadas em lugares e dias específicos, mas não incluídas como parte regular e cotidiana da formação escolar. Ficam limitadas aos projetos e celebrações pontuais ao longo do ano letivo.

Walsh (2009) aprofunda o debate sobre a colonialidade ao discutir suas diferentes faces: o poder, o saber, o ser e a cosmogonia (ou a natureza). Vistas como formas de dominação, as diversas expressões da colonialidade indicam um modo específico de controle. O controle da economia e das relações de autoridade compõe a dimensão do poder. O controle da subjetividade e do conhecimento representa a dimensão do saber. O controle

das identidades e das práticas cotidianas compõe a dimensão do ser. E o controle dos recursos naturais, a dimensão da natureza.

A autora faz uma crítica ácida ao multiculturalismo cultural ao afirmar que, sob o discurso de reconhecimento da diversidade, há o reforço da submissão dos grupos dominados.

Enquanto a dupla modernidade-colonialidade historicamente funcionou a partir de padrões de poder fundados na exclusão, negação e subordinação e controle dentro do sistema/mundo capitalista, hoje se esconde por trás de um discurso (neo)liberal multiculturalista. Desse modo, faz pensar que, com o reconhecimento da diversidade e a promoção de sua inclusão, o projeto hegemônico de antes está dissolvido. (WALSH, 2009, p. 16)

Para a autora, diferentemente do que prega o multiculturalismo, a colonialidade do poder se encontra “em pleno processo de reacomodação dentro dos desígnios globais ligados a projetos de neoliberalização e das necessidades do mercado” (WALSH, 2009, p. 16), o que ela denomina “recolonialidade”. A interconexão entre as questões raciais e os interesses do mercado é uma das características da modernidade capitalista e está diretamente ligada à construção e permanência do racismo.

Com isso, o racismo não pode ser visto somente como uma questão cultural ou um comportamento individual, mas como parte de uma estrutura social que envolve todas as dimensões da vida individual e coletiva.

Racismo e modernidade: uma relação indissociável

Mbembe (2018, p. 13) afirma que, “ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de caráter biológico”, a modernidade transformou o pertencimento racial em uma “loucura codificada”. Como consequência, nos últimos séculos, a questão racial esteve “na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de desavenças psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres”.

Do modo que lhe é peculiar, o pensador camaronês acidamente chama a atenção para uma realidade chocante. É a criação do estatuto da hierarquia racial e do racismo por parte dos invasores/colonizadores, que transforma e orienta as relações sociais desde então. Para além dos desastres materiais e dos genocídios em larga escala implementados nas sociedades americanas e africanas a partir do século XVI e que se expandem para o restante dos continentes a partir do século XVIII, há uma dimensão psíquica essencial como componente do racismo.

Fanon (2008) já alertava para esse assunto ao questionar por que os homens negros querem ser brancos. “Porque ser branco significa ser humano” (FANON, p. 28). Assim, ele traz para a dimensão psicológica o debate do racismo. “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco” (FANON, p. 33). A herança colonial marca profundamente o modo como o negro se percebe enquanto sujeito. O sentimento de inferioridade (por parte dos negros) e de superioridade (por parte dos brancos) é resultado do racismo.

Defendemos, de uma vez por todas, o seguinte princípio: uma sociedade é racista ou não é. Enquanto não compreendermos essa evidência, deixaremos de lado muitos problemas [...] A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado. (FANON, 2008, p. 85-90)

Duas sentenças derivam dessa compreensão. A primeira, que não existem sociedades mais ou menos racistas ou racismos mais brandos, como ainda hoje se defende em alguns lugares no Brasil. O racismo é um só, ainda que possa ter muitas faces. Retomando Mbembe, é possível constatar que no processo de colonização houve “uma espoliação organizada, quando, em proveito do tráfico atlântico [...] homens e mulheres originários da África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda” (MBEMBE, 2018 p. 15-16). Ora, é esse processo histórico que, sendo parte do colonialismo, constrói a modernidade. O impacto psicológico destas relações sobre as populações negras não pode ser relativizado ou reduzido. O racismo é uma forma de relação social que marca a vida de negros e brancos a todo momento.

A segunda sentença é o impacto psicológico dessas relações. Imaginar que negras e negros submetidos ao racismo, no passado e no presente, não sofram influências psicológicas e identitárias desses processos é não assumir o óbvio.

Maldonado-Torres (2018, p. 37) afirma que a modernidade é resultado de uma catástrofe metafísica, definida por ele como “o postulado de uma separação que quebrou com, ou pelo menos começou a tornar irrelevante, a noção de uma cadeia que conectava todos os seres ao divino”. Este é um dos elementos que interfere diretamente na construção da subjetividade dos indivíduos. Privados de suas práticas e saberes e de sua cultura e história, as populações negras de hoje perdem, em grande medida, suas referências e passam a construir e idealizar um mundo no qual eles próprios e suas características físicas e culturais são inferiorizadas e silenciadas. “Isso é parte do processo por meio do

qual sujeitos colonizados são destruídos em pedaços, quando não são mortos” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 41).

Em ensaio sobre o negro e o cinema, Carvalho (2011) chama a atenção para o papel secundário dos negros nos filmes nacionais. Em referência a um filme da década de 1920, *O progresso da ciência médica*, ele diz:

Os médicos e alunos da faculdade são todos brancos, enquanto os doentes do Hospital Psiquiátrico são todos negros e mestiços. [...] Aqui, como em outros filmes da época, vemos como o poder se apropria da ciência e do saber para legitimar e naturalizar formas de dominação, inclusive racial. (CARVALHO, 2011, p. 19)

Martins (2019, p. 54) atenta para o fato de que a modernidade é uma forma de controle social.

O que chamamos aqui de “formas de colonialismo” diz respeito às estratégias de controle e subalternidade engendradas em decorrência do período ocorrido a partir da expansão de um modelo capitalista e a consolidação daquilo que ficou demarcado como Modernidade. (Martins, 2019, p. 54)

No que se refere à questão racial, o autor destaca que a influência da colonialidade afeta o modo como são construídos, no imaginário, a história e os elementos culturais das populações negras.

Retomando a discussão de como as ideias colonialistas impregnaram o imaginário construído por nossos intelectuais, tomemos como exemplo os argumentos de Sidnei Chalhoub e sua demonstração de como uma produção historiográfica nacional construiu mistificações sobre o negro escravizado, que redundaram na produção da ideia de um “escravo-coisa”, assim como em sua contrapartida, a noção do “escravo rebelde”. (MARTINS, 2019, p. 55)

Dessa maneira, a modernidade enquanto estrutura social não pode ser pensada separadamente do racismo, que é parte de sua construção. Neste sentido, as diversas dimensões da colonialidade podem ser encontradas no conjunto das práticas racistas em diversas expressões. Na perspectiva do poder, dá-se a consolidação do padrão de formas de organização do Estado eurocentradas, que são exportadas para as colônias e ex-colônias como modelos a serem seguidos e que desconsideram a história e a cultura das sociedades não europeias. Neste aspecto, modelos africanos e indígenas de organização do poder são desprezados e vistos como lembranças de um passado incompatível com o presente.

Fanon (1968, p. 35-37) relaciona modernidade, colonialismo e racismo ao dizer que:

O mundo colonial é um mundo maniqueísta. Não basta ao colono limitar fisicamente, com o auxílio de sua polícia e de sua gendarmaria, o espaço do colonizado. Como que para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal. [...] Por vezes, este maniqueísmo vai até o fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o.

No que tange à dimensão do saber, a produção de um conhecimento eurocentrado, no qual as demais formas de conhecimento são inferiorizadas e descartadas, quando não propositalmente silenciadas, nega objetiva e subjetivamente o reconhecimento de conhecimentos produzidos por essas sociedades e esses indivíduos subalternizados.

Na perspectiva do ser, as identidades, práticas culturais e valores dos grupos sociais herdeiros dos povos submetidos à colonização são vistos como exóticos, bárbaros, inadequados. Suas expressões culturais são secundarizadas em prol de saberes relacionados à cultura europeia.

Já em relação à visão cosmogônica do mundo, as populações não hegemônicas são desconsideradas nas políticas de organização econômica. As formas de relação destas populações com a terra e com a natureza são consideradas incompatíveis com os níveis de desenvolvimento econômico e de consumo das sociedades capitalistas contemporâneas.

Dessa maneira, a colonialidade, em suas múltiplas dimensões, significa uma negação do estatuto humano para africanos e indígenas (WALSH, 2009). Esta é uma premissa fundamental para compreendermos o debate seguinte sobre racismo no Brasil.

Cultura e racismo no Brasil: a experiência da conversa com docentes

Uma das questões que surgiram com mais força na roda de conversa com os docentes foi o fato de que o racismo é um problema estrutural da sociedade brasileira. Ao herdar os elementos centrais da formação da modernidade, como a colonialidade, a relação racismo/mercado capitalista e os impactos na subjetividade das populações negras, o racismo no Brasil é uma ferramenta para a manutenção de uma pirâmide social que subjuga a população negra.

É importante informar que os nomes reais dos participantes foi alterado e em seu lugar são utilizados nomes de personalidades negras de destaque em nossa história. A participante Luiza afirma que a realidade da população negra atualmente não difere muito daquela vivida no passado, já que as condições necessárias para a superação dos males da

escravidão seguem inexistindo. Ao falar da situação econômica dos discentes negros da escola, ela diz:

Não mudou nada porque, qual a população que sofre com essas questões [econômicas]? É a população negra e afrodescendente, na maioria das vezes, que simplesmente saímos da escravidão e da colônia, mas não recebemos nenhuma política social de que o povo precisava realmente e, por isso, estamos onde estamos. (LUIZA)

O esquecer sem transformar para manter tudo como antes foi uma estratégia adotada desde o final do século XIX. Schwarcz (2012, p. 22) relembra que o Hino da República, criado no início de 1890, tinha em um dos seus versos a frase “Nós nem cremos que escravos, outrora, tenha havido em tão nobre País”. Ela discute, em seguida: “Ora, o sistema escravocrata mal acabara e já se supunha que era passível de esquecimento!”.

Sem dúvida, o final do sistema escravocrata não significa o surgimento de outras formas de relacionamento entre a elite dominante e a população negra. A construção da sociedade pós-imperial teve como uma de suas premissas a manutenção das desigualdades raciais. Mas de forma camuflada, não dita oficialmente. Como reafirma Schwarcz (2012, p. 97), um dos exemplos desta estratégia é que, diante da necessidade de admitir que esse era um País mestiço e negro, os organizadores do censo de 1900 resolveram “retirar o quesito cor do censo demográfico”. O quesito só retorna em 1940, já no contexto de valorização da mestiçagem.

Oliveira (2012) afirma que a “intencionalidade hegemônica era de impor a naturalização do imaginário da sociedade europeia na república emergente”. A política de branqueamento material e subjetiva da sociedade esquece a população negra em todos os aspectos. Décadas depois, nos anos 1930, a opção pela defesa da mestiçagem serviu para silenciar um debate necessário sobre a questão racial brasileira.

Ao discutir as consequências desse passado para nosso presente, Luiza afirma:

Alguns professores falaram e deram exemplos. Esse racismo é o quê? É conhecido como racismo estrutural, que existe em nossa sociedade, existe e é inerente ao nosso sistema, que a gente vive. É o sistema capitalista, que, de alguma forma, lucra com esse racismo estrutural que está posto. Qual o lugar do negro? A prisão? O analfabetismo? (LUIZA)

Lima (2015) explica que o racismo no Brasil é uma forma de dominação e opera em duas dimensões da sociedade: a material e a subjetiva. Na dominação material, implica em

negar à população negra as condições mínimas para que possa disputar em condições de igualdade com a população branca os lugares de destaque na sociedade.

Como afirmamos antes, um dos movimentos de construção do racismo é material, e se baseia na negação objetiva das condições mínimas para que a população negra possa disputar em condições de igualdade, posições dentro da sociedade. Antes da abolição, esse controle era exercido de diversas formas pelo próprio sistema escravista. A fragmentação espacial das populações trazidas da África, a cruel repressão a qualquer tentativa de resistência ao sistema, as condições miseráveis de vida e sua utilização como mão de obra representam modos de tornar impossíveis quaisquer possibilidades de igualdade dos negros em relação aos brancos. (LIMA, 2015, p. 60)

A situação expressa na fala de Luiza é reflexo dessa dominação material. O final da escravidão não modifica o modo como a população negra é tratada. A política de branqueamento e a ausência de políticas de habitação das áreas urbanas que incluam a população negra em um processo de modernização ora excludente são exemplos de como o racismo opera em sua forma material.

Nas últimas décadas, a violência homicida contra a população negra – em particular, sua juventude – é mais uma forma de operação do racismo. Dados do Mapa da Violência 2016 indicam que, no período de 2003 a 2016, enquanto os índices de morte por arma de fogo caíram 27,1% entre a população branca, na população negra subiram 9,9%. A maioria dos homicídios (75,33%) tem como vítima a população negra. Além disto, os índices de pobreza são maiores entre a população negra. É ela que recebe os menores salários. Como cita Luiza: “A maior parte da população que está encarcerada, quem é? Maior parte da população analfabeta, quem é?”.

Entretanto, a dominação material é apenas uma das faces do racismo. Lima (2015, p. 61-62) afirma que, mesmo diante de “um contexto profundamente adverso, a resistência negra se faz presente”. Porém, esta resistência é reduzida em sua potência pela ação ideológica sobre a população negra. O apagamento de sua cultura e história, a desvalorização da estética e das manifestações culturais afro-brasileiras e a imposição explícita ou velada de um padrão eurocentrado de práticas e valores dificultam a formação de uma identidade negra que seja referenciada em suas próprias raízes.

Em estudo sobre as relações raciais na mídia, Acevedo; Nohara e Ramuski (2010) destacam que o componente ideológico é parte da ação racista:

A dimensão ideológica era importante para que o processo de branqueamento se concretizasse. Ela tinha como pressuposto que os mestiços iriam sempre

escolher cônjuges mais claros por causa do preconceito internalizado por eles. De fato, apesar de a ideologia do branqueamento ter sido forjada pelas elites brancas, ela era imputada ao negro como uma patologia específica dele, que, descontente com sua condição, desejava se branquear e miscigenar-se para enfraquecer suas características raciais e obter os privilégios da branquitude [...]. Assim, o branqueamento ideológico representou a assimilação de valores, atitudes e comportamentos dos brancos pelos negros. Com isso, alguns negros avaliavam-se pelas representações negativas construídas pelos brancos e assim desenvolveram, eles mesmos, preconceitos em relação às raízes da negritude. Além disso, parte da carga ideológica do branqueamento se concretizava no aspecto estético. Desvalorizava-se a estética negra e enaltecia-se a branca. (ACEVEDO; NOHARA; RAMUSKI, 2010, p. 62)

Essa sub-representação da população negra nos espaços formadores de opinião é destacada pelos participantes da pesquisa. Abdias ressalta que os meios de comunicação têm influência no modo como as crianças negras veem a si próprias.

O absurdo se mantém e as crianças percebem isso na novela, que é o maior veículo, que mostra a nossa cultura brasileira. E o negro é mostrado como personagem estereotipado subalterno ou é traficante. Só para complementar, já que gostam tanto de tomar os EUA como referência, eles já superaram isso. O negro, na mídia, aparece como empresário, advogado, eles já superaram isso. Pr'a gente, o negro de sucesso ou é o artista ou jogador de futebol. (ABDIAS)

Três elementos se destacam na fala do docente e merecem ser discutidos. Inicialmente, como a sub-representação da população negra nos meios de comunicação é reveladora dos lugares que o racismo propõe para negras e negros: o da lateralidade e o do silenciamento (CARVALHO, 2011). Ainda que, nas últimas décadas, a luta de artistas e do movimento negro tenha ampliado o espaço e o lugar ocupado por profissionais e artistas negras e negros, o modo como os sujeitos pretos são apresentados, tanto nas cenas quanto nas notícias, ainda indica que o “lugar” do negro na sociedade é secundário ou subalterno. Esse fenômeno tem, obviamente, impacto no modo como a juventude negra se vê. Na linha do que Fanon (2008) aponta, para ser reconhecida como humana, a tendência é que essa população tente ser o mais branca possível.

Um segundo elemento que pode ser extraído da fala de Abdias remete ao fato de que, em outras sociedades (como a estadunidense), ainda que tenham o racismo como uma das bases de sua estrutura, há uma representação diferente da população negra nesses espaços de destaque. Há uma representação bem mais significativa negra nos meios de comunicação, bem como o modo como são apresentados esses sujeitos é muito mais variado. Isso indica outra característica perversa da dominação racial brasileira, que é a submissão da população negra também no imaginário social branco.

Lima (2015) alerta que essa relação fica evidente quando emerge na sociedade o debate sobre as cotas raciais, quando o mito da democracia racial é evocado por vários segmentos para se oporem à proposta que, como temos observado, pode modificar o lugar ocupado pela população negra na sociedade, visto que a ampliação do acesso às universidades pode, a médio/longo prazo, permitir uma maior participação negra nas profissões que têm status social no Brasil.

Nesse sentido, o prestígio que as teses que sustentaram a chamada democracia racial [...] receberam no Brasil e a defesa, mesmo em nossos dias, de boa parte de suas proposições, como a miscigenação como eliminadora do racismo, por intelectuais e setores dominantes da sociedade [...] demonstram que, em nosso país, o racismo serve como modo de garantir para determinados segmentos o exercício da dominação sobre amplos contingentes sociais onde a população negra é maioria. Mais que isso, se revela como um exercício de hegemonia por parte dos grupos que se beneficiam da estrutura social que desqualifica e marginaliza os negros [...]. (LIMA, 2015, p. 62)

Essa situação pode ser explicada na análise de Acevedo; Nohara e Ramuski (2010, p. 66), quando as autoras se utilizam de debates estabelecidos/*outsiders* para analisar o modo como as relações raciais são construídas.

A estigmatização está relacionada à fantasia coletiva do grupo dominante. Ela reflete e justifica o preconceito desse grupo para com as minorias. Dessa forma, na imaginação dos estabelecidos, o estigma é coisificado, ou seja, transforma-se em algo material. A partir daí, argumenta-se que ele é fruto da natureza. Com isso, quem estigmatiza não pode ser culpado por fazê-lo, e assim é eximido dessa responsabilidade. Os estigmas relacionados à cor ou a outras características étnicas de minorias, por exemplo, têm essa função coisificadora. (Acevedo; Nohara e Ramuski, 2010, p. 66)

O terceiro elemento que pode ser retirado da observação de Abdias é que o sucesso do negro na sociedade, quando é reconhecido pela mídia, é associado a algo isolado, um talento individual que é separado propositalmente da cultura e da história do povo, como, por exemplo, no caso de esportistas negros, cujas trajetórias são retratadas sem apontar o papel da estrutura social e das relações sociais nas suas escolhas pelo futebol, somente para ficarmos nos casos mais comuns. Por sua vez, este isolamento cumpre o papel de impedir, em boa parte dos casos, que os próprios sujeitos adquiram uma consciência racial e, assim como a maioria da juventude negra, assimilem os valores da cultura eurocentrada como referências. O não falar sobre o racismo parece ser uma regra social, principalmente nos meios de comunicação, como aponta a participante Maria Firmina: “É uma questão

que vejo sempre na mídia. Nas reportagens não se fala de preconceito velado e cai sempre como injúria, e não como racismo porque é crime.”

Mesmo as situações nas quais o racismo adquire contornos explícitos e, portanto, não pode ser negado, a abordagem adotada, na mídia e na sociedade, suaviza ou relativiza a atitude racista. A participante Maria Firmina trouxe para a conversa a lembrança de um caso de racismo em um shopping no Rio de Janeiro.

Assim, teve um episódio, que um pai com seu filho na fila do cinema do Rio Sul... um casal perdeu a sua carteira e perguntou somente para esse casal que tinha homem negro. Aí, eles saíram da fila e foram circular no shopping. Aí, esse homem foi atrás dele e perguntou: “Ué, vocês não iam ao cinema?”. Eles explicaram que a sessão estava lotada: “Estamos aguardando”. Perguntaram de novo: “Vocês não viram uma carteira?”. Aí, as pessoas do shopping, o segurança, acharam a carteira caída na escada rolante. Eles foram para a delegacia e conseguiram registrar como injúria, mas não como racismo. E o caso teve pouca repercussão. E o debate sobre situações como essa, que ocorrem todos os dias com a população negra... são rapidamente esquecidas e não contribuem para um debate sobre o tema. (MARIA FIRMINA)

O episódio apresentado pela participante também é ilustrativo da operação do racismo no Brasil. As atitudes em relação à população negra, principalmente quando ela está em um espaço que “não é seu”, são discriminatórias e pautadas em um olhar negativo sobre o comportamento e a índole das negras e dos negros. As várias acusações infundadas de roubo contra negras e negros que trabalham para pessoas de maior poder aquisitivo, as “perseguições” dos seguranças em lojas, as abordagens policiais, entre outras situações, demonstram que há um olhar negativo sobre a população negra no Brasil, vinculando-a à criminalidade.

O modo como se lida com as situações explícitas de racismo também nos permite visualizar a operação da dominação racial no Brasil. O pouco interesse em investigar e punir esses casos impede a ampliação de um debate sério sobre o racismo no cotidiano, seja nos “autos de resistência” das forças policiais, seja em situações como a narrada pela participante da pesquisa.

Paulo Freire (2015) destaca a importância do educador como transformador da realidade. O reconhecimento deste papel pelos docentes é condição para a transformação das práticas e dos currículos. Ao perceber a importância da participação coletiva dos colegas em uma reconstrução curricular que permita o debate efetivo sobre a questão racial nas aulas, a participante Tereza assume a ação proposta pelo educador pernambucano, mas também destaca a importância do coletivo nesse processo. Diferentemente das propostas

bancárias construídas nas secretarias e impostas aos profissionais que estão na escola, o que enuncia, nesse momento, é o movimento oposto, de baixo para cima.

Por outro lado, é importante perceber que o currículo é visto como ferramenta de transformação, de ação contra-hegemônica e que adquire mais importância por ser parte de práticas que, em muitos casos, já são realizadas individualmente, como nos afirma Tereza: “mas a gente já vem fazendo esse trabalho. Eu sei que tem muitas unidades [escolas] que não fazem esse trabalho. Então, vamos aproveitar, nosso grupo e nossas experiências para montar esse novo currículo”.

A composição do grupo de docentes é um fator central para compreender os desdobramentos do processo de reconstrução curricular. A significativa presença de docentes negras e negros, algo que não é comum nas escolas do bairro, além da formação desses profissionais e sua relação com a questão racial, principalmente na vida cotidiana, fazem com que a tarefa assumida seja também vista como um desafio transformador da realidade. Isto leva à valorização da experiência do grupo. São colegas que já procuram trazer tais temáticas para os discentes, reconhecendo nestes, a si próprios e às suas experiências, como afirma a participante Anastácia: “E a gente vai estudando mesmo, estudo e pesquisa. E nas aulas, tentamos amenizar um pouquinho a realidade de nossas crianças, que é bem sofrida”.

O reconhecimento de sua trajetória nos discentes é uma situação comum no grupo. Ao reforçar a importância do ensino da cultura e história afro-brasileiras em sala de aula, a participante Tereza mistura a ação docente e suas próprias memórias.

Certa vez, numa discussão sobre cabelos, eu perdi a linha quando perguntaram se meu cabelo era crespo. Eu disse: “Por quê?” Me responderam: “Seu cabelo não dá cachos”. Falei: “Vocês sabiam que o cabelo crespo tem vários níveis? E o meu cabelo crespo é o nível 4, e eu sei, não dá cachos”. Mas alguns colegas dizem: “Ah, mas isso é tão sem importância...”. Não! Para a mulher negra, não é sem importância. Então, eu acho que esse tema já passou do tempo de estar em nosso currículo diário porque, se nós olharmos nossas alunas em sala de aula, a gente vê o quanto a nossa população é negra, população discente. (TEREZA)

Uma análise da fala de Tereza nos permite emitir algumas considerações. A experiência faz diferença e pode interferir no discurso de docentes negras. Ao mesmo tempo, está conectada com a vivência que observa em discentes que provavelmente passam por situações similares às vividas pela docente no passado.

GOMES (2003), em estudo sobre a relação entre educação e estética negra, afirma:

A experiência com o corpo negro e o cabelo crespo não se reduz ao espaço da família, das amizades, da militância ou dos relacionamentos amorosos. A escola aparece em vários depoimentos como um importante espaço no qual também se desenvolve o tenso processo de construção da identidade negra. Lamentavelmente, na maioria das vezes, a instituição escolar aparece nas lembranças dos depoentes reforçando estereótipos e representações negativas sobre o negro e o seu padrão estético. (GOMES, 2003, p. 173)

Conforme relatos apresentados pela autora, uma das manifestações do racismo na escola é referente à forma como os cabelos negros são recebidos esteticamente na instituição. Na construção de suas identidades enquanto discentes negras, “o cabelo carrega uma forte marca identitária e, em algumas situações, é visto como marca de inferioridade” (GOMES, 2003, p. 173). Compreende-se, assim, a reação e defesa da Professora Tereza à inclusão deste tema como parte do currículo. Afinal, este configura uma das ferramentas mais poderosas da dominação ideológica fomentada pelo racismo brasileiro – a estética. Outra questão importante a ser destacada é que a construção curricular, de forma dinâmica e coletiva, envolve diversas dimensões da vida dos sujeitos em interação, permitindo, por um lado, a produção de diretrizes que contemplam a realidade efetiva dos sujeitos ao mesmo tempo em que produzem novas interpretações sobre o espaço escolar.

As diversas formas de racismo no cotidiano escolar e seu impacto na formação dos discentes

No uso desse material é importante considerar que o racismo é uma realidade dentro da escola. De forma sutil como vemos nos currículos e programas das disciplinas ou nos casos de racismo explícito, a questão racial, que muitas vezes é secundarizada ou silenciada, tem impacto concreto na formação intelectual e humana dos estudantes. Debatendo o tema na roda de conversa, docentes relatam diferentes situações de racismo no passado e no presente. Tereza rememora uma experiência vivida em sua época de discente:

Nasci na ditadura e acho importante falar porque eu tenho uma vivência. Eu era estudante bolsista de uma escola particular e tinha uma professora que não me deixava se aproximar muito. Todas as minhas amigas chegavam perto, menos eu e outra menina negra. Eu só fui entender, bem mais tarde, que a professora era racista e não gostava de contato com as pessoas negras. E eu ficava pensando o que tinha feito para ela. Imagina, uma criança não tocar na sua professora?! É complicadíssimo isso! O espaço escolar é muito importante para reverter essa questão. (TEREZA)

O impacto das práticas racistas nos discentes, por vezes, é subdimensionado. Como demonstram os relatos da Professora Tereza, ele deixa marcas profundas na memória destes sujeitos. Outra questão importante é que, em determinadas escolas, discentes bolsistas – principalmente, se forem negras ou negros – sofrem diversas formas de preconceito, inclusive dos docentes. A participante Maria Felipa retoma essa questão ao relatar um episódio que ocorreu com ela:

Eu, negra, tinha o cabelo grande, liso. Era uma opção minha. Eu fui e cortei o cabelo. Eles [os alunos] me falaram: “Por que cortou o cabelo? A senhora era tão bonita. Tá muito feia, professora. Agora você virou pão careca”. Isso é o aluno falando comigo, assim, que sou professora, e agora, a coleguinha que está do lado dele, que tem o cabelo crespo curto, negra. Sabe lá o que ele não faz! Fala “Você é feia, eu não quero sentar perto de você”. E fica a menina com a autoestima muito abalada. (MARIA FELIPA)

Novamente, o racismo se manifesta na crítica à estética negra. O cabelo crespo incomoda porque se afasta do padrão eurocentrado. A naturalização da estética branca afeta, inclusive, jovens ainda em processo de transformação, como no caso dos discentes. A opção por assumir sua identidade negra leva a mulher ou menina negra, mas também o menino e o homem negro em outra medida, a experienciar conflitos e questionamentos antes não verbalizados. Percebe-se, ainda, na fala da docente, que a experiência pessoal de vítima do racismo permite vislumbrar a experiência da outra.

O cabelo e a estética negra não são os únicos veículos para a manifestação do racismo. A religião, por exemplo, é outro território onde os preconceitos naturalizados se expressam. Novamente, a experiência pessoal emerge na reflexão. A Professora Maria Felipa diz:

Ainda tem a questão religiosa, também já vi isso na minha sala. Dizem que sou do santo, que está amarrado, que sou macumbeira. É isso que escuto lá dentro do laboratório. Então, eu fico assim apavorada, pois nem sempre temos todas as ferramentas para conversar isso com os alunos. (MARIA FELIPA)

NOGUEIRA (2007, p.293) discute que o preconceito racial no Brasil possui características diferentes do existente em sociedades como a estadunidense, onde o este se dá pela herança genética e afeta as relações, mesmo em situações que a pessoa negra supera as determinações de renda, ocupação, e até alcance uma posição de destaque.

Nos Estados Unidos, ao contrário, as restrições impostas ao grupo negro, em geral, se mantêm, independentemente de condições pessoais como a instrução, a ocupação etc. Tanto a um negro portador de PhD (doutor em filosofia, título altamente respeitado naquele país) como a um operário, será vedado residir

fora da área de segregação, recorrer a certos hospitais, frequentar certas casas de diversões, permanecer em certas salas de espera, em estações, aeroportos etc., utilizar-se de certos aposentos sanitários, fontes de água etc., ainda que varie de uma região para outra e, mesmo, de uma localidade para outra, a amplitude de situações em que se impõem restrições. (NOGUEIRA, 2007, p.293)

O preconceito racial no Brasil acrescenta a essas características o dado da cor da pele e dos traços físicos. Desta forma, a aparência externa da pessoa negra e sua menor ou maior proximidade com o ideal branco aumentam ou reduzem a possibilidade de torná-la vítima de uma ação racista direta.

Onde o preconceito é de marca, como no Brasil, o limiar entre o tipo que se atribui ao grupo discriminador e o que se atribui ao grupo discriminado é indefinido, variando subjetivamente, tanto em função dos característicos de quem observa como dos de quem está sendo julgado, bem como, ainda, em função da atitude [relações de amizade, deferência etc.] de quem observa em relação a quem está sendo identificado, estando, porém, a amplitude de variação dos julgamentos, em qualquer caso, limitada pela impressão de ridículo ou de absurdo que implicará uma insofismável discrepância entre a aparência de um indivíduo e a identificação que ele próprio faz de si ou que outros lhe atribuem. (NOGUEIRA, 2007, p. 80)

O mito da democracia racial e outras formas de escamotear o racismo, por muito tempo e ainda hoje, fez parecer que essas características “suavizariam” as situações de preconceito sofridas pelos negros. Na verdade, a avaliação dos movimentos negros e de intelectuais comprometidos com o combate ao racismo é que essa situação amplia a perversidade do racismo. Isto porque, ao mesmo tempo em que não reduz as consequências do racismo, dificulta a construção e o reconhecimento, pela população negra, de sua condição real na sociedade. Tereza menciona como o tratamento recebido tinha relação direta com o tom da pele: “Então, em relação às minhas colegas negras, eu que tinha a pele mais escura. Ainda tem isso: tem negros de vários tons, e somos tratadas, como eu fui, de modo diferente”.

A formação da identidade negra também é afetada pelo preconceito de marca. Participantes como as docentes Maria Felipa e Tereza relatam a dificuldade de se reconhecerem como negras em sua juventude.

Eu só fui me ver negra no Ensino Médio, porque, pra mim, eu não era negra porque tinha a pele mais clara. E quando cheguei no Ensino Médio, eu me vi negra. Na verdade, o negro é difícil se intitular negro. É difícil por todas as questões que nos perseguem. E é tudo um problema de autoestima realmente, de não se aceitar. (MARIA FELIPA)

Porque o negro tem os traços mais brutos e é visto como feio por isso. A mulher negra não tem cabelo liso, então, você se olhar e se assumir é muito complicado. Então, o espaço escolar tem uma força e uma representação muito grande nessa questão, na vida dos alunos. (TEREZA)

Se a construção da identidade é um processo difícil, o fato de se reconhecerem como negras e negros na escola não significa um caminho mais fácil. Para as pessoas negras, a convivência na escola sempre pode gerar situações que necessitam reconhecer e combater o racismo, inclusive vindo de colegas. Ernesto, um docente negro, relata uma situação de racismo ocorrida no CIEP 318, há algum tempo:

E ano passado aconteceu uma coisa muito triste aqui na escola. Eu tenho um aluno negro que, durante uma reunião, sofreu uma violência racista na minha frente por parte de outro colega. Tive de me controlar muito para não falar ou fazer uma besteira. Fazer piada racista dentro de uma escola cheia de professoras negras, inclusive a diretora, é a demonstração de que o racismo não está somente lá fora. (ERNESTO)

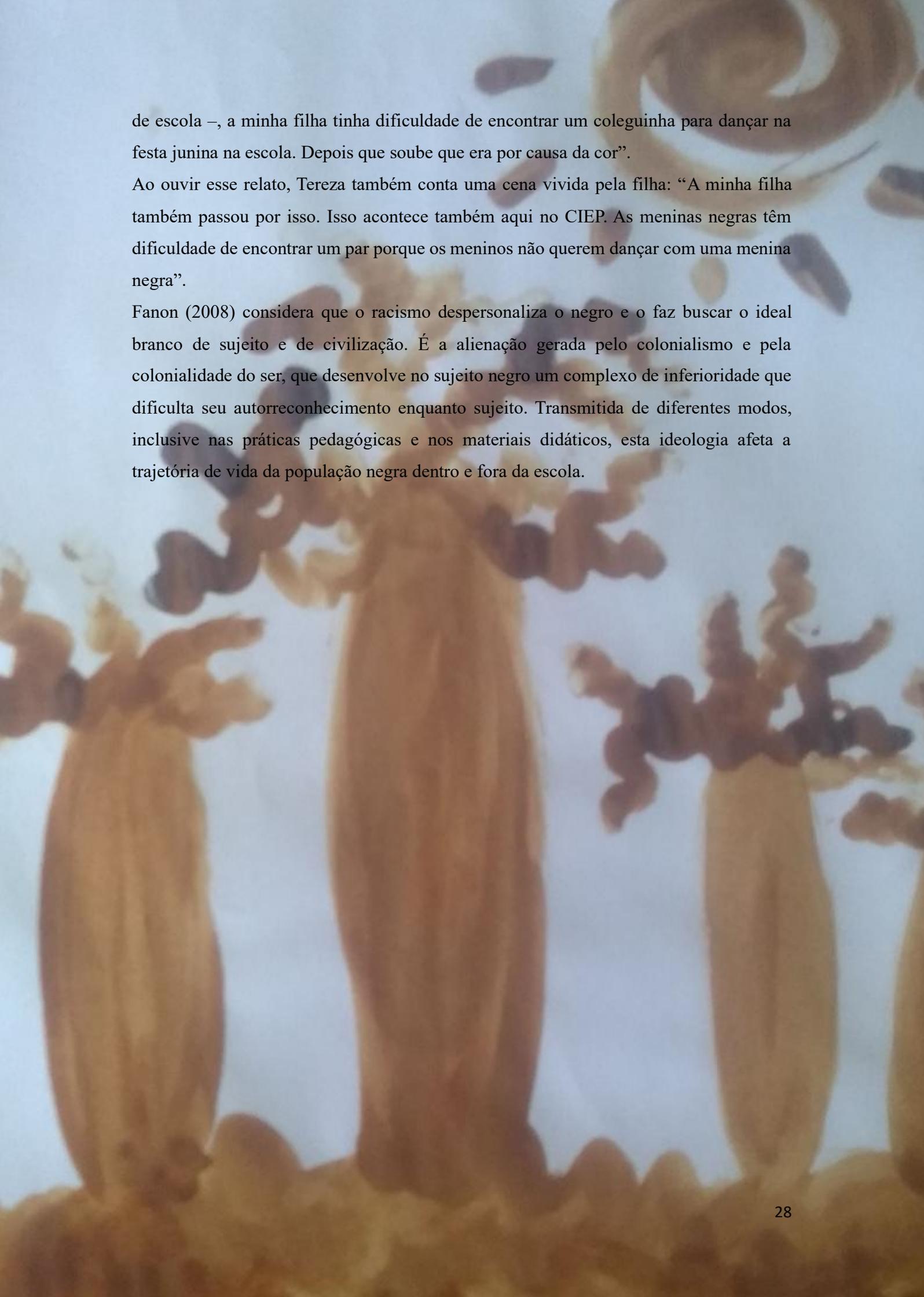
Reforçando esse relato, Zacimba, uma docente negra, também contou uma experiência vivida na mesma escola:

Falando ainda sobre racismo, no final do ano, eu estava na sala de aula... eu escutei uma barulheira, parecia até tiros. Aí, eu saí da sala, abri a porta e falei para as crianças: “Gente, por favor, está muito barulho”. Então, o colega que não me conhecia, pois era novo na escola, respondeu agressivamente: “Quem é a senhora? Trabalha em que setor?”. Eu disse: “Sou a Professora Fulana e estou corrigindo provas na sala ao lado”. Quando ele viu as provas na minha mão, caiu a ficha dele. Ele me viu negra, velha, deve ter pensado que eu era faxineira. (ZACIMBA)

Episódios como esses confirmam a frase célebre de Milton Santos no documentário *Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá*¹, no qual ele afirma que “é difícil ser negro no Brasil porque fora das situações de evidência, o cotidiano é muito pesado” (SANTOS, 2006 apud LIMA, 2015, p. 58).

Esse cotidiano pesado do qual fala o célebre geógrafo e as experiências com o racismo ao longo da vida criam uma preocupação adicional à realidade vivida pelas filhas dos docentes na escola. Anastácia, outra docente negra, relembra uma situação vivida por sua filha na escola em que estuda “A minha filha – eu só soube quando ela já tinha mudado

¹ Encontro com Milton Santos: o mundo visto do lado de cá. Documentário do cineasta brasileiro Sílvio Tendler, discute os problemas da globalização sob a perspectiva das periferias (seja o Terceiro Mundo, sejam comunidades carentes).



de escola –, a minha filha tinha dificuldade de encontrar um coleguinha para dançar na festa junina na escola. Depois que soube que era por causa da cor”.

Ao ouvir esse relato, Tereza também conta uma cena vivida pela filha: “A minha filha também passou por isso. Isso acontece também aqui no CIEP. As meninas negras têm dificuldade de encontrar um par porque os meninos não querem dançar com uma menina negra”.

Fanon (2008) considera que o racismo despersonaliza o negro e o faz buscar o ideal branco de sujeito e de civilização. É a alienação gerada pelo colonialismo e pela colonialidade do ser, que desenvolve no sujeito negro um complexo de inferioridade que dificulta seu autorreconhecimento enquanto sujeito. Transmitida de diferentes modos, inclusive nas práticas pedagógicas e nos materiais didáticos, esta ideologia afeta a trajetória de vida da população negra dentro e fora da escola.

IDENTIDADES ANTIRRACISTAS: UMA PROPOSTA EM CONSTRUÇÃO

O produto educacional elaborado é um programa de estudo que aborda a questão racial com discentes dos anos iniciais do EF, na forma de um caderno pedagógico dividido em quatro módulos, e tem como objetivo a construção de uma pedagogia antirracista. O título do caderno pedagógico é *Identidades antirracistas: uma proposta em construção*. Em cada um dos módulos, um tema será o elemento norteador da abordagem. O número de aulas de cada módulo dependerá de cada docente que aplicá-lo, podendo ser também desenvolvido com os discentes durante todo o ano letivo. Contudo, considerando a faixa etária dos discentes, o mínimo de duas aulas para cada módulo deve ser previsto. Isto porque há a necessidade de limitar o número de novas informações por aula e também é fundamental possibilitar que os discentes tragam suas experiências e dialoguem entre si e com os docentes.

O primeiro módulo tem como proposta sensibilizar os discentes para a importância da discussão sobre racismo estrutural e institucional, presente também na escola e em nossa língua (racismo linguístico), retirando-o do silenciamento. Na medida em que é um tema que não ocupa o lugar central nos materiais didáticos e nos currículos, é necessária uma ação que desperte os discentes para o tema.

Inicialmente, será solicitado aos discentes negras e negros que relatem suas experiências com o racismo cotidiano. Para estimular os participantes a relatarem suas experiências, serão apresentados vídeos que os provoquem. A expectativa é que a experiência dos discentes com situações de racismo explícito e indireto do dia a dia demonstre como é importante discutir o tema.

Vídeos de comunidades quilombolas, religiões de matriz africana e manifestações culturais de representação negra podem ser utilizados. O objetivo é gerar incômodos e questionamentos que levem ao relato das experiências. Contos e ditados populares, cenas de filmes e programas humorísticos também podem ser ferramentas para sensibilizar os discentes.

No segundo momento, utiliza-se o material didático disponível (ou recortes de jornais ou revistas) para que os discentes possam pesquisar sobre como a população negra é retratada nestes documentos. De que modo os sujeitos negros, a cultura, a história e as experiências são retratadas?

Em seguida, discute-se por que, na maioria dos casos, a abordagem é secundária ou negativa. Por que isto ocorre? Pede-se que os discentes pensem em suas próprias realidades. A história, a cultura e os personagens negros e negros são retratados de que forma nos meios de comunicação de massa? Qual a proporção em relação aos personagens brancos e brancos? Que tipo de sociedade é visto nessas produções e que lugar nelas ocupa a população negra? A intervenção termina com a solicitação de que os discentes escrevam de cinco a dez nomes de personagens negros e negros que consideram relevantes.

O segundo módulo tem como proposta despertar os discentes para as consequências do racismo na escola e na sociedade brasileira, para nossas crianças e jovens. O racismo estrutural deixa marcas e consequências graves na construção de identidade dos discentes negros e negros.

O objetivo desse módulo é debater a temática do racismo na sociedade e na escola, despertando os discentes para sua conscientização enquanto protagonistas na construção de seus saberes; que todos nós juntos podemos mais, podemos juntos construir nossa história e um futuro com mais consciência e menos racismo.

Com os vídeos, os recortes de jornais, mapas da violência, leituras de negros e negros importantes e com suas vivências, a turma fará debates entre eles e com um júri simulado, das consequências do racismo e do enfrentamento que é preciso fazer diariamente para romper com as estatísticas negativas em suas vidas. Em seguida, são apresentadas algumas imagens que podem ser utilizadas nos encontros.

Cabe ressaltar que esse produto foi construído considerando que as realidades são distintas e cada professor pode adaptar as ideias e reflexões aqui apresentadas às demandas e questões de seu cotidiano. Por exemplo, na composição étnico-racial do norte do país, o racismo afeta fortemente as populações indígenas. Nesse caso, o professor pode realizar as adequações necessárias para dar conta de sua comunidade escolar. O que se mantém é o princípio de que o racismo é um fenômeno que deve ser combatido dentro dos espaços escolares.

MODULO I - RACISMO EM DEBATE

O primeiro módulo tem como proposta sensibilizar os estudantes para a importância do debate sobre o racismo na escola. Por não ser um tema que ocupa o lugar central nos materiais didáticos e nos currículos, é necessária uma ação que desperte os alunos para este assunto.

1) Inicialmente, será solicitado aos estudantes negras e negros que relatem suas experiências com o racismo cotidiano. Para estimular os participantes a relatarem suas experiências, serão apresentados vídeos que provoquem reflexão. A expectativa é de que a experiência dos estudantes com situações de racismo no dia a dia, explícitas ou indiretas, demonstre a importância de se discutir o tema.

Vídeos de comunidades quilombolas, de religiões de matriz africana e de manifestações culturais de representação negra podem ser utilizados. O objetivo é gerar incômodos e questionamentos que induzam ao relato das experiências. Contos e ditados populares, cenas de filmes e programas humorísticos também podem ser ferramentas para provocar e sensibilizar os estudantes.

1) Vídeo: Desigualdade Racial no Brasil.

<https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0>

2) Vídeo: Racismo Estrutural.

► O que é o racismo estrutural? <https://www.youtube.com/watch?v=Ia3NrSoTSXk>

► Racismo é um mecanismo complexo, que cria vulnerabilidade e poder, por Silvio de Almeida. https://www.youtube.com/watch?v=PF0r9DniS_E

► Dinâmica: Consequência do racismo em nossa língua: análise dos ditados populares e de seus significados; análise das expressões populares que são consequências de nossa colonização, do racismo estrutural presente em nossa sociedade até os dias atuais.

Exemplos:

Cor de pele	Lápis de cor rosa, que muitas crianças dizem ser cor de pele, mesmo não existindo ninguém dessa cor.
Doméstica	Negros eram considerados animais rebeldes, que precisavam de corretivos para serem domesticados.
Estampa étnica	Estampa de roupa com desenhos de origem africana, dita a partir do olhar eurocêntrico.
A dar com pau	Termo usado nos navios negreiros. Quando os africanos não aceitavam ser escravizados, paravam de comer para morrerem, então, eram obrigados a se alimentarem. Um “pau de comer” foi criado para colocarem a comida na boca.
Meia tigela	Quando o negro não alcançava a meta de trabalho, só recebia meia tigela de comida. Atualmente, significa algo sem valor.
Mulata	Mula é o filhote de cavalo com jumenta ou de égua com jumento. Em espanhol, se diz “mulata”. Quando falam em “mulata tipo exportação”, referem-se ao corpo feminino como mercadoria.
Samba do crioulo doido	Expressão de sátira, que significa confusão ou trapalhada, reafirma uma discriminação aos negros.
Ter um pé na cozinha	Forma racista de dizer que uma pessoa é de origem negra. Isso porque era o único lugar em que a mulher negra podia entrar, na casa grande.
Moreno(a)	Racistas acreditam que chamar alguém de negro é ofensa.
Cabelo ruim	Fios “rebeldes”, “cabelo duro”, “carapinha”, “mafuá”, “piaçava” e outros derivados que

	<p>depreciam o cabelo afro. Por vários séculos, causaram a negação do próprio corpo e a baixa autoestima entre as mulheres negras que não apresentavam o “desejado” cabelo liso. Nem é preciso dizer o quanto as indústrias de cosméticos, muitas originárias de países europeus, se beneficiaram do padrão de beleza que excluía os negros.</p>
Não sou tuas negas	<p>A mulher negra como “qualquer uma” ou “de todo mundo” indica a forma como a sociedade a percebe: alguém com quem se pode fazer de tudo. Escravas negras eram literalmente propriedades dos homens brancos e utilizadas para satisfazerem desejos sexuais, em um tempo no qual assédios e estupros eram ainda mais recorrentes. Portanto, além de profundamente racista, o termo é carregado de machismo.</p>
Denegrir	<p>Significa tornar negro como algo maldoso, como se estivesse falando mal de alguém, “manchando uma reputação”.</p>
Mercado negro, magia negra, lista negra	<p>Entre outras inúmeras expressões em que a palavra ‘negro’ representa algo pejorativo, prejudicial, ilegal.</p>
Inveja branca	<p>A ideia do branco como algo positivo é impregnada na expressão, que reforça, ao mesmo tempo, a associação entre preto e comportamentos negativos.</p>

► Cartaz Consciência Negra



Fonte: Guimarães, Fabiana. 2017. Cartaz elaborada por turma de 5º ano do Ciep 318 para Feira Cultural.

MODULO II - HISTÓRIA E IDENTIDADES DO POVO NEGRO

O segundo módulo tem como proposta despertar as crianças e os jovens para as consequências do racismo estrutural presente nas escolas e na sociedade brasileira, que deixa marcas profundas na construção das identidades dos estudantes negros e negras.

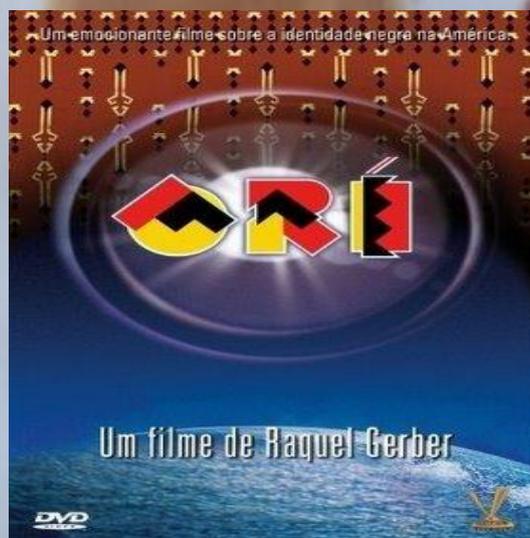
Neste módulo, haverá um debate sobre a temática “racismo na escola”, despertando os estudantes para a conscientização de si mesmos como protagonistas na construção de seus saberes. A atividade preconiza que todos nós, juntos, podemos mais, que podemos construir juntos nossa história e um futuro com mais consciência e menos racismo.

Com os vídeos, os recortes de jornais, mapas da violência, leituras de histórias de negros e negras importantes e com suas próprias vivências, os alunos da turma farão debates entre si, usando como recurso didático um júri simulado, que discutirá as consequências do racismo e do enfrentamento que é preciso fazer diariamente para romper com as estatísticas negativas em suas vidas.

A seguir, são apresentadas algumas imagens que podem ser utilizadas nos encontros.

2) Conhecer a história de luta do movimento negro, a partir da historiadora Beatriz Nascimento, no filme Ôrí.

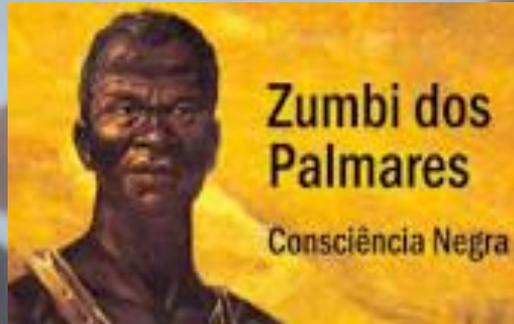
► Filme: Ôrí



<https://www.youtube.com/watch?v=aUWlgzqKD7E&t=28s>

3) Conhecer a história do povo negro no período da escravidão:

Zumbi dos Palmares, Aqualtune, Tereza de Benguela, Luiza Mahin etc.



Zumbi dos Palmares
<https://www.youtube.com/watch?v=jwOw9Szt39U>



Aqualtune
<https://www.youtube.com/watch?v=2Di1E6Vss8E>
<https://www.youtube.com/watch?v=lnJ4izof3mE>



Tereza de Benguela
<https://www.youtube.com/watch?v=VS1r-sAD4oo&t=1s>



Luiza Mahin
<https://www.youtube.com/watch?v=bHYe-Zc2yyc>
<https://www.youtube.com/watch?v=WRDjnLfKkHk>



Dandara
<https://www.youtube.com/watch?v=5T7NSMW14ls>

► Os personagens abolicionistas negros:



Luiz Gama

<https://www.youtube.com/watch?v=mhdG-YRSuGk>

<https://www.youtube.com/watch?v=cINZ-VZ6SXs>

[https://www.youtube.com/watch?v= Ut0yKowCBg](https://www.youtube.com/watch?v=Ut0yKowCBg)



André Rebouças

<https://www.youtube.com/watch?v=nQilPHcjgok>

<https://www.youtube.com/watch?v=YN80ff7M9D8>



José do Patrocínio

<https://www.youtube.com/watch?v=FNiFQRVTC44>

Personalidades do movimento negro:



Angela Davis - <https://www.youtube.com/watch?v=MbnurdyhqDQ&t=4769s>



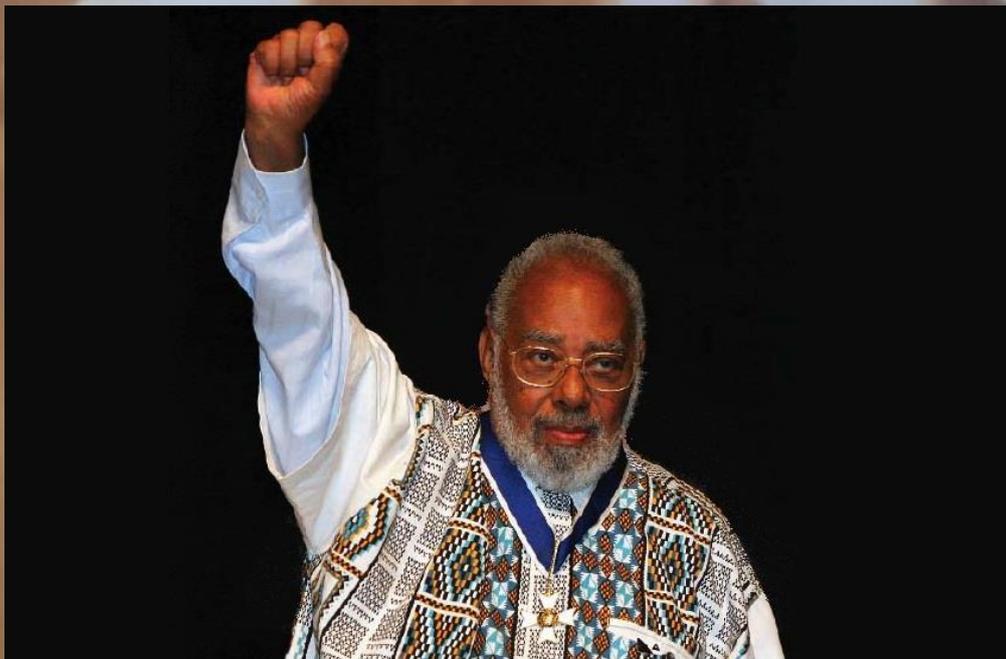
Beatriz Nascimento, Abdias dos Santos e Lélia Gonzales

Beatriz Nascimento



<https://www.youtube.com/watch?v=ndjrGCLQnME>
<https://www.youtube.com/watch?v=3tPiO0YnNRU>
<https://www.youtube.com/watch?v=-LhM1MaPE9c>

Abdias Nascimento



<https://www.youtube.com/watch?v=-MHtL5wOjVQ>
<https://www.youtube.com/watch?v=fvSvdDwvVaw>
<https://www.youtube.com/watch?v=2nhwGPp0Pe0>
<https://www.youtube.com/watch?v=sYLzhTyqt2U&t=536s>

Lélia Gonzales



<https://www.youtube.com/watch?v=X2ruqJntOWc>
https://www.youtube.com/watch?v=jGD_OLgzsPw&t=329s
https://www.youtube.com/watch?v=fv5_xRpHV2s

► Escritoras negras:



Maria Firmina

<https://www.youtube.com/watch?v=IRow3fAik-M>



Carolina Maria de Jesus

Documentário TVE Carolina Maria de Jesus1 e 2

<https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2II>
<https://www.youtube.com/watch?v=EDYxWzhlFfw>



Conceição Evaristo

<https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA&t=33s>

Obras literárias de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina
(primeiras escritora Negra)



Úrsula

<https://www.youtube.com/watch?v=jFdXAAAdD9ak>
<https://www.youtube.com/watch?v=Rj9ILRVYDKg>

Quarto de Despejo

<https://www.youtube.com/watch?v=X7j03plMdro>
Audiolivro
<https://www.youtube.com/watch?v=KWjADuj5FOs>

Olhos d'Água

<https://www.youtube.com/watch?v=kygyBJRhomY>
<https://www.youtube.com/watch?v=Rj0nzmTIU4s>

MODULO III - IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO

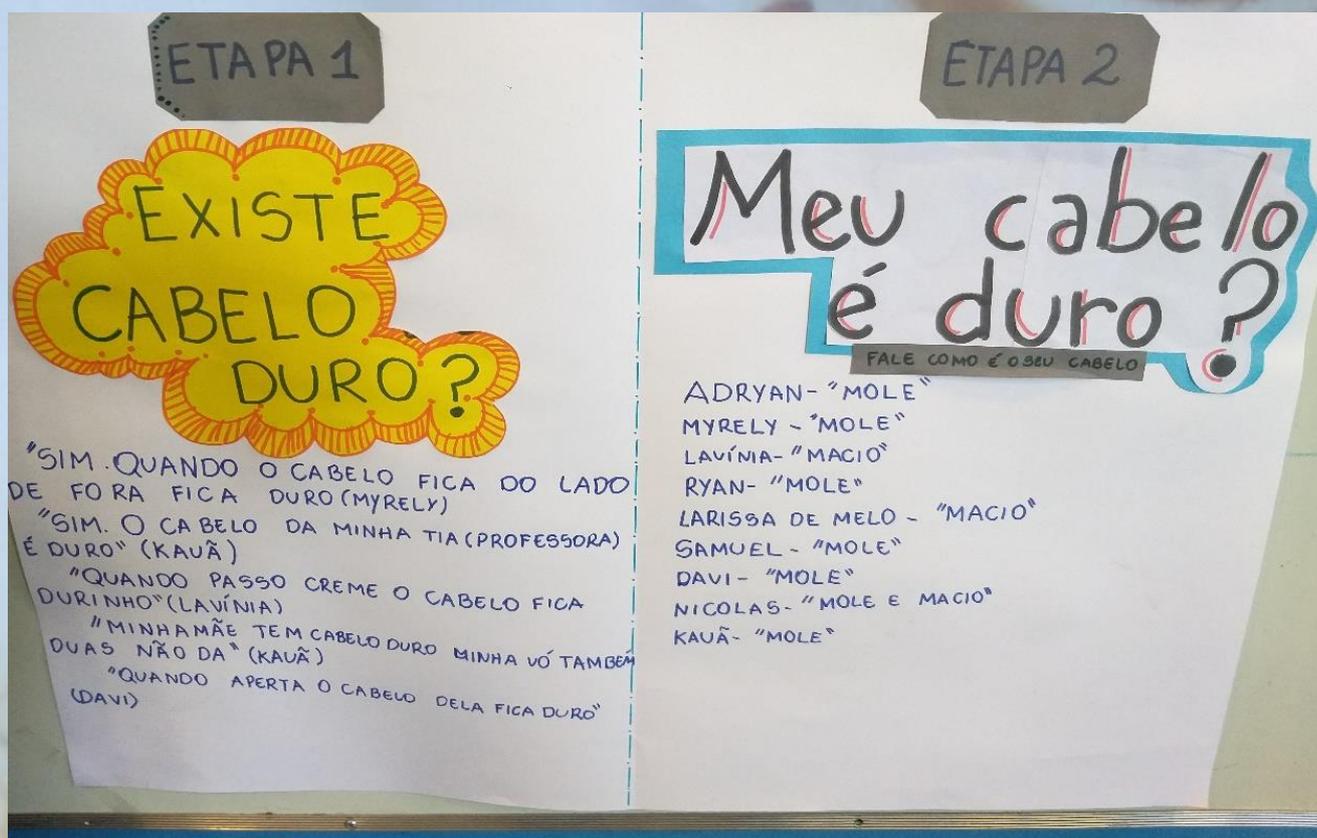
O terceiro módulo do caderno pedagógico será formado por oficinas de desenhos da autoimagem (autorretratos), observação de fotografias dos alunos e de seus familiares, juntamente com dinâmicas de sensibilização que retratem o corpo sensível através dos sentidos, para que percebamos juntos o quanto cada um do grupo é singular e, ao mesmo tempo, faz parte de um coletivo que precisa de empoderamento, por uma questão de sobrevivência da identidade negra enquanto espécie humana.

► Autorretratos



Fonte: SILVA, Fabiana. 2017.

► Dinâmica da sensibilização dos sentidos



Fonte: SILVA, Fabiana, 2020. Exemplo de uma dinâmica de sensibilização realizada pela professora Debora Santos.

► Dinâmica do objeto: cada aluno escolhe um objeto em sua mochila e, a partir dele, conta a sua história de vida e por que esse objeto é importante. O objetivo é estimular os estudantes a contarem suas histórias de vida.

► Construção de seus projetos de vida:

Segundo a filosofia UBUNTU, "sou o que sou pelo que nós somos". Por isto, precisamos nos unir para nos fortalecermos, buscarmos igualdade de direitos e nos empoderarmos contra o racismo institucional e estrutural.

Imagem didática: UBUNTU

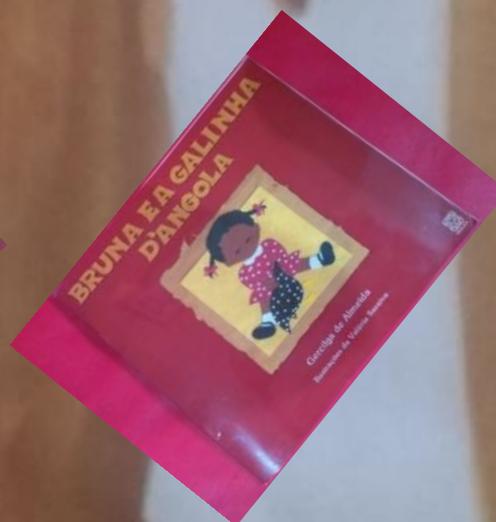
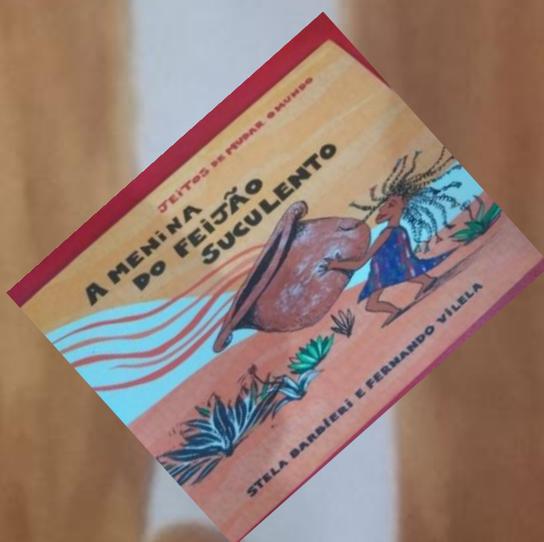


Fonte: UBUNTU “O meu progresso pessoal está a serviço do progresso de minha comunidade, isso é mais importante na vida”. Nelson Mandela. In: <http://www.mundoubuntu.com.br/sobre/curiosidades-do-ubuntu/63-origem-da-palavra-ubuntu>

MODULO IV - LITERATURA ANTIRRACISTA

No quarto e último módulo do caderno pedagógico, a proposta é trabalhar com oficinas de histórias de contos afrobrasileiros e indígenas, mostrando personagens negros brasileiros, visando obter como culminância a criação de vídeos com as histórias de vida desses personagens.

Espera-se que, com esse caderno, seja possível demonstrar a importância da construção coletiva e da valorização dos saberes locais para a formação de estudantes capazes de construir novas formas de reconhecimento e prática da diversidade, assim desenvolvendo formas de enfrentamento do racismo.



NOTAS FINAIS

Este trabalho buscou fazer, a princípio, um resgate dos porquês do racismo presente em nossa sociedade, inserido até mesmo em nossa linguagem, de forma tão sutil, que muitas vezes nem percebemos o quanto o estamos reproduzindo sem qualquer reflexão crítica. Reproduzimos, de forma vil, as marcas do racismo estrutural e estruturante em nossa sociedade. É algo presente desde quando os colonizadores europeus, no período das grandes navegações, roubaram vidas, identidades e culturas, escravizando pessoas e transformando seres humanos em mercadorias.

Urge que todo o povo negro seja resistência e (re)existência; que se reinvente no cotidiano, como forma de reafirmação da essência humana, tão intensa, apesar de todo o histórico de animalização que nos foi imputado. É simbólico e ressignificante saber que, se preservamos nossa cultura e nos reinventamos, seremos resistência.

Acredito na importância de nossos pequenos saberem que nem tudo o que está presente nos documentos oficiais representa verdades absolutas; que as “verdades” dos livros didáticos são apenas o olhar de uma cultura eurocentrada, que sempre teve como objetivos maiores a colonização de outros povos e a aniquilação de suas culturas, como forma de dominação.

É preciso ter consciência de que muito daquilo que nos roubaram em nossa identidade humana deixou marcas de sofrimento até os dias atuais, mesmo passados mais de 130 anos da Abolição. Também é necessário denunciar a forma como o racismo estrutural e estruturante do sistema capitalista é uma forma de continuar detendo o controle do poder. É primordial que nossas crianças conheçam a história e a cultura de nosso povo negro, porque nós somos alvos do sistema e precisamos lutar contra o que nos adocece.

Acredito que essa é a força do movimento negro, que luta por uma causa justa e humanitária. Pois o que nossos antepassados sofreram, como muito autores afirmam, foi um crime contra a humanidade, um genocídio.

A nossa luta está em nosso coletivo, com nossos iguais e com os pequenos, pois nós, professores, somos os responsáveis pela futuras gerações, para possibilitar que, mais tarde, nossos pequenos possam escolher futuros melhores para si e para o mundo.



O Baobá é uma das árvores mais lindas, símbolo de um povo que muito sofreu e resistiu à escravidão. E ainda continua resistindo.

Dizem que, quando capturavam as pessoas na África, rodopiavam-nas em volta do Baobá, para que esquecessem suas identidades.

Acredito que estou em um processo contrário, de reconstrução de identidade. Assim, este desenho é muito simbólico para mim.

Fabiana Silva 2020 – Releitura do poema *Sou Negro*, atividade realizada com a intervenção da professora Geisa Giraldez, no Observatório de Favelas da Maré.

REFERÊNCIAS

1. Para as considerações Teóricas do produto. (Aqui são mencionadas as referências teóricas usadas na construção desse produto).

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana; RAMUSKI, Carmen Lídia. Relações Raciais na Mídia: um estudo no contexto brasileiro. **Psicologia política**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 57-73, 2010.

CANDAU, Vera; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, BH, v. 6, n. 01, p. 15-40, abr. 2010.

CARVALHO, Noel dos S. O cinema em negro e branco. *In*: SOUZA, Edileuza P. **Negritude, cinema e educação: caminhos para a implementação da Lei nº 10.639/2003**. Belo Horizonte: Maza, 2011.

FANON, Franz. **Pele negra, máscara branca**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Nilma L. Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. *In*: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia Maria A.; SILVÉRIO, Valter Roberto. (Org.). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

SILVÉRIO, Valter Roberto. (Org.). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

GUIMARÃES, Leandro da S. Periferia e espaços periféricos: notas gerais. **Revista Perspectiva Geográfica - Marechal Cândido Rondon**, v. 10, n. 13, p. 109-118, 2015.

LIMA, Rogério Mendes de L. Educação intercultural e currículos na educação básica: a contribuição da Sociologia para o combate ao racismo. **Revista Perspectiva Sociológica**, n. 15, 1º sem. 2015.

MBEMBE, Achille, **Crítica da Razão Negra**. n.1, Edições, 2018.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**, Buenos Aires, Clacso, p. 71-103, 2005.

MONTERO, Paula. Multiculturalismo, Identidades Discursivas e Espaço Público. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 2012.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 1, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 17 mar. 2020.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

2. Para a construção das atividades didáticas. Em seguida, apresentamos algumas das referências utilizadas para a construção do produto educacional.

A HISTÓRIA e o legado de Lélia Gonzalez. Brasil de Fato. [20/11/2019]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fv5_xRpHV2s. Acesso em jan2020.

ABDIAS Nascimento - Entre a negritude e o Pan-Africanismo. Ilea UFRGS. [31/10/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-MhtL5wOjVQ>. Acesso em jan. 2020.

ABDIAS Nascimento – Espelho 1ª parte. [12/09/2009]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fvSvdDwvVaw>

ABDIAS Nascimento – Espelho 2ª parte [12/09/2009]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2nhwGPp0Pe0>. Acesso em jan. 2020.

ABDIAS Nascimento – Espelho 3ª parte [12/09/2009]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rm49WLD1e7k>. Acesso em jan. 2020.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

ANDRÉ Rebouças - Heróis e Heroínas do Rio. MultRio. [08/05/2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nQiIPHcjok>. Acesso em jan.2020.

AQUALTUNE, a princesa escravizada. Histórias apagadas pelo tempo. [08/07/2020]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Di1E6Vss8E>. Acesso em fev. 2020.

AUDIOLIVRO “Quarto de despejo” Carolina Maria de Jesus. Fla-Ferro. [24/11/2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KWjADUj5FOs>. Acesso em fev. 2020.

BEATRIZ Nascimento. As Mina na História. [05/12/2017]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ndjrGCLQnME>. Acesso em jan. 2020.

BEATRIZ Nascimento: “a história do Brasil é uma história escrita por mãos brancas. Vide Revolução [23/11/2016]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-LhM1MaPE9c>. Acesso em jul. 2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

DESIGUALDADE Racial no Brasil. Superinteressante. [20/11/2016]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0>. Acesso em jan. 2020

DOCUMENTÁRIO resgata trajetória de Abdias Nascimento. Senado Federal. [01/04/2014]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYLzhTyqt2U&t=536s>. Acesso em jan. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HERÓIS de todo Mundo: Beatriz Nascimento, por Tatiana Godoy. Lapilar produções artísticas. [14/03/2011]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3tPiO0YnNRU>. Acesso em dez. 2018.

HERÓIS de todo Mundo: Luiza Mahin, por Cyda Morenyx. Lapilar produções artísticas. [14/03/2011]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WRDjnLfKkHk>. Acesso dez/2018. Acesso em jan. 2020.

HERÓIS de todo Mundo: Zumbi dos Palmares. Canal Futura. [19/11/2015]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jwOw9Szt39U>. Acesso em dez/2018.

JOSÉ do Patrocínio - Heróis e Heroínas do Rio. MultRio. [08/05/2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FNiFQRVTC44>. Acesso em jan. 2020.

LÉLIA Gonzalez: Ciências e Letras. Canal saúde oficial. [14/03/2019]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jGD_OLgzsPw&t=329s. Acesso em fev. 2020.

LÉLIA Gonzalez: o racismo estrutural, por Jaqueline Conceição. Casa do saber. [28/06/2020]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X2ruqJntOWc>. Acesso em maio/2020.

LETRAS e Memórias: Maria Firmina dos Reis. TV Brasil. [25/07/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lRow3fAik-M>. Acesso em jan. 2020.

LIBERTEM Angela Davis. Filmes do youtube. [31/03/2015]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MbnurdyhqDQ&t=4769s>. Acesso em fev. 2020.

LITERAFRO. Portal da literatura afro-brasileira. Autores negros. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores>. Acesso em jan. 2020.

LUIZ Gama - Retrovisor TV Escola. Zanini H. [17/05/2016]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Ut0yKowCBg. Acesso em dez. 2019.

LUIZ Gama, o maior abolicionista do Brasil. Observatório do 3º setor. [30/05/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mhdG-YRSuGk>. Acesso em jan. 2020.

MULHERES na História: Luiza Mahin, uma Rainha Africana. Canal História e Tu. [30/11/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bHYe-Zc2yyc>. Acesso em jan. 2020.

MULHERES Negras e o feminismo. Leitura obrigahistória. [20/11/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnJ4izof3mE>. Acesso em jan. 2020

NAÇÃO | TVE - Carolina de Jesus Parte 1 - 18/09/2015. TVE RS. [29/09/2015]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2II>. Acesso em fev. 2020.

NAÇÃO | TVE - Carolina de Jesus Parte 2 - 25/09/2015. TVE RS. [29/09/2015]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDYxWzhlFfw>. Acesso em fev. 2020.

NAÇÃO | TVE - Luiz Gama – 03/07/2015. TVE RS. [08/07/2015]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1NZ-VZ6SXs>. Acesso em jan.2020.

O PAPEL de André Rebouças na abolição brasileira, por Paulo Cruz. Brasil Paralelo. [10/12/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YN80ff7M9D8>. Acesso em jan. 2020.

O QUE é o racismo Estrutural? Desenhando. Quebrando tabu. [01/08/2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ia3NrSoTSXk> . Acesso em jan. 2020.

O TRILHA de letras recebe a escritora Conceição Evaristo. Programa Completo. TV Brasil. [20/03/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA&t=33s>. Acesso em fev.2020.

Ôrí - 1989 – Raquel Gerber. Cinéfilo do interior. [05/10/2020]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XJYct4MGuYk>. Acesso em 10/10/2020.

PÍLULA de leitura: “Maria” Olhos D’água Conceição Evaristo DIAS. Camila e seus livros. [28/07/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rj0nzmTIU4s>. Acesso em fev. 2020.

QUARTO de despejo: diário de uma favelada – Carolina Maria de Jesus MARTINS, Etiene Martins. [21/11/2017]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X7j03plMdro>. Acesso em fev. 2020.

QUEM foi Dandara dos Palmares? CARNIEL, Francislaine. Revirando a História. [21/07/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5T7NSMW14ls>. Acesso em jan. 2020.

RACISMO é um mecanismo complexo, que cria vulnerabilidade e poder, por Silvio Almeida. Canal um Brasil. [16/082019]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PF0r9DniS_E. Acesso em jan/2020.

RATTS, Alex. A trajetória intelectual ativista de Beatriz Nascimento. **Revista Eparrei**, Santos, n.8, p.49-51, ago. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-trajetoria-intelectual-ativista-de-beatriz-nascimento>. Acesso em fev. 2020.

RESENHA do livro: Olhos D'água. Conceição Evaristo. Nagonianas. [17/07/2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kygyBJRhomY>. Acesso em fev. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1ª edição. SP: Companhia das Letras, 2019.

TERESA Benguela, a escrava que virou rainha e liderou um Quilombo de negros e índios. Observatório do 3º setor. [21/09/2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VS1r-sAD4oo&t=1s>. Acesso em jan. 2020.

ÚRSULA - Maria Firmina dos Reis. Resumo, análise e comentários. Literatura e mundo. [18/07/2020]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rj9ILRVYDKg>. Acesso jan. 2020.

ÚRSULA e a importância de lermos Maria Firmina dos Reis. Impressões de Maria. [15/01/20520]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jFdXAAdD9ak>. Acesso em fev. 2020.